

## **ENSINO MUSICAL NAS PERIFERIAS**

**Aluna: Julia C. Zylbersztajn**

**Orientadora: Santuza Cambraia Naves**

### **Introdução**

O intuito desta pesquisa sobre o ensino de música nas periferias é, além de conhecer os diversos planos que fundamentam esse tipo de prática pedagógica no estado do Rio de Janeiro, acompanhar o desenvolvimento dessas experiências em algumas localidades onde ela é aplicada. Iniciamos o trabalho em janeiro de 2010 com um mapeamento preliminar de regiões onde esse projeto é adotado. Em seguida, fiz prospecção de fontes e textos em geral que tratam do tema relativo aos programas de democratização da cultura. A bibliografia escolhida consiste principalmente de trabalhos acadêmicos (livros, artigos, teses e entrevistas). A pesquisa inicial contou também com informações obtidas via internet.

### **Desenvolvimento da pesquisa**

Realizamos a primeira entrevista da série com a antropóloga Regina Novaes, em 22 de julho de 2010. Além de inserida na academia por vários anos (IFCS, UFRJ) como cientista social que pesquisa a temática dos movimentos sociais e culturais, Regina tem atuado em várias frentes na vida pública, tanto em ONGs como o ISER e o Viva Rio quanto em órgãos públicos, como a Secretaria de Juventude do primeiro Governo Lula.

Regina enfatizou as mudanças políticas ocorridas nas instituições não governamentais e agências estatais a partir da década de 1990, quando as ONGs começaram a privilegiar a esfera cultural. Naqueles anos de recessão econômica, era como se o cultural fosse uma espécie de saída para a grande questão que se colocava: a reforma que estava acontecendo naqueles anos no sentido de aumentar a inclusão social. Havia basicamente um grupo social que estava mais excluído que os outros, que era justamente o grupo dos jovens e adolescentes, razão pela qual houve um *boom* de projetos sociais voltados para esses segmentos.

Em 2 de setembro de 2010 entrevistamos o antropólogo Gilberto Velho, pelo fato de ele ter a sua trajetória intelectual marcada pelos estudos na área de Antropologia Urbana. Velho afirma nessa entrevista que o movimento de intervenção cultural de ONGs, institutos, agências estatais e outras instituições de periferias das grandes cidades brasileiras é muito variado, sendo portanto difícil caracterizar como um movimento homogêneo. Velho chama a atenção para a diversidade também existente nos chamados mundos periféricos, como é o caso da Baixada Fluminense, em que vários mundos se cruzam e se misturam o tempo todo, havendo visivelmente um trânsito entre diversos segmentos sociais. Velho então afirma que é necessário entender que a divisão entre a tradição erudita e as raízes populares “não significa necessariamente uma descontinuidade abrupta, radical, profunda e intransponível”, na medida em que é possível “encontrar um menino de favela tocando Mozart no violino e uma menina dançando balé clássico”.

A pesquisa etnográfica, que teve início em dezembro de 2010, se concentrou, neste primeiro momento, no morro Santa Marta, em Botafogo, onde foi implantado o ensino musical pela ONG Ação Social Pela Música do Brasil após a instalação da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). Segundo Julio Camargo, coordenador do projeto, existe hoje a tranquilidade de não haver mais tiroteios e de se poder trabalhar em segurança, embora tenha sido difícil no começo, pelo fato de trabalharem no mesmo local ocupado pela polícia, havendo portanto estranhamento e resistência por parte da comunidade. Como o referencial das crianças era o tráfico, alguns alunos se mostrariam ainda agressivos, apesar dessa animosidade estar se dissipando aos poucos. Julio Camargo também argumenta que os Policiais Militares tinham interesse em construir uma imagem melhor para com a comunidade, o que os teria levado a adotar uma postura mais moderada, facilitando portanto o contato com os moradores. Segundo o coordenador, haveria ainda um pouco de resistência, mas que será provavelmente resolvida de forma gradual.

De acordo com as informações obtidas, a ONG Ação Social Pela Música do Brasil existe há apenas dois anos, mas é embasada em experiências anteriores e bem sucedidas de ensino de música erudita em outros países da América Latina. O trabalho se dá em duas vertentes: ações culturais e sócio educacionais. Atualmente, o projeto atende por volta de 100 crianças e adolescentes, entre seis e dezessete anos, da própria comunidade e de outras áreas em que já foram instaladas UPPs, como o morro do Cantagalo, em Ipanema, da Babilônia, no Leme, e Pavão-Pavãozinho, em Copacabana.

Segundo Julio Camargo, o intuito é utilizar a música como agente educador, democratizar e ampliar o conhecimento e deselitizar a música erudita e os instrumentos utilizados. As aulas são ministradas três vezes por semana na sede da Unidade de Polícia Pacificadora da comunidade.

A ONG oferece aulas de violino, viola, violoncelo e contrabaixo, porque pretendem formar uma orquestra de cordas. Além disso, há também aulas de teoria musical, canto coral e musicalização para as crianças mais novas. A idéia é construir coisas concretas, de modo a estimular a adesão dos alunos, pois a dificuldade que encontram é a assiduidade, já que não há obrigatoriedade de presença. Por isso, o trabalho precisa ser atraente e fazer com que os alunos percebam o próprio desenvolvimento, o que acaba refletindo nas famílias e criando projeção e expectativa por parte delas.

Julio Camargo explicou que o interesse principal do projeto é processo pedagógico que possibilita a formação dessa criança, não havendo, portanto, o objetivo final de formar músicos profissionais. Para ele, tocar em uma orquestra configura um exercício de generosidade e compreensão, já que há todo um roteiro a ser seguido e deve-se trabalhar coletivamente.

Como o objetivo é a formação do aluno em termos gerais, o projeto também oferece aulas de apoio escolar, pois há muitas crianças atrasadas no ensino formal. A ONG tem a crença de que o ensino escolar é tão importante quanto a música, sendo o responsável primordial para que os jovens tenham uma vida melhor, razão pela qual há um esforço de convencimento para fazê-los encarar o aprendizado de modo positivo.

Além do ensino musical e do apoio escolar, a ONG disponibiliza uma psicóloga. Segundo Julio Camargo, é importante que os alunos tenham um espaço onde possam refletir sobre as situações e saber que podem ser escutados, compreendidos e que têm a possibilidade de dialogar, sentindo-se portanto valorizados. Aliado ao cuidado psicológico, há em cada comunidade, uma vez por mês, acompanhamento das famílias, com o intuito de conscientizar os familiares da importância da educação e da assiduidade nas aulas.

Quanto aos professores, muitos vieram de projetos que têm mais ou menos o mesmo formato, na medida em que a experiência neste tipo de ensino é pré-requisito para a contratação. Existe um grande investimento na formação dos professores no sentido da sensibilização do trabalho como educador. Buscam, de igual forma, quebrar o estigma do professor escolar e a hierarquia rígida entre professores e alunos. Dessa

forma, na concepção da Ação Social Pela Música do Brasil, os professores devem ser pagos para se aprimorarem cada vez mais e serem, antes de tudo, educadores.

Além desses integrantes, o projeto conta com agentes comunitários que fazem ligações com as famílias, e inspetores, que levam e trazem as crianças de cada comunidade nos dias de aula. Há também merendeiras, pois oferecem um lanche por dia aos alunos.

Como resultado, atualmente já existem duas orquestras formadas: a Orquestra A, que é da turma dos alunos mais avançados, e a Orquestra B, dos menos avançados. Juntas, as duas orquestras somam por volta de 60 alunos. São feitas apresentações periódicas nas comunidades para as famílias, como forma de mostrar e divulgar o trabalho e de democratizar a música nesses ambientes. O próximo objetivo é fazer periodicamente concertos de câmara abertos para a comunidade. Além disso, os alunos também são levados a lugares onde acontecem concertos diversos, como o Teatro Municipal e outros redutos musicais.

Temos dado continuidade à pesquisa etnográfica na Santa Marta, fazendo contatos com coordenadores, professores e funcionários da Ação Social pela Música do Brasil, assim como assistido às lições musicais e aos ensaios para a apresentação da orquestra local. Quando concluirmos a pesquisa na Santa Marta, partiremos para outras localidades contempladas pelo projeto Ação Social pela Música do Brasil.